



## **A GEOGRAFICIDADE NA LITERATURA DE UMA MULHER ENTRE LUGARES: DESLOCAMENTOS E APROXIMAÇÕES ENTRE CHILE E PALESTINA**

Fernanda de Faria Viana Nogueira <sup>1</sup>

### **RESUMO**

O encontro entre Geografia e Literatura nos abre possibilidades de ver o mundo e também de experienciá-lo. Na literatura feita por Lina Meruane em “Tornar-se Palestina” (2019) é possível ver sua relação com o lugar, com seus lugares e também entre esses lugares. Caminhando nas linhas de suas geograficidades, é nos dado o iminente encontro da geografia que se faz em sua literatura, e da literatura que se faz com e a partir de suas geografias. Na obra, vê-se os atravessamentos entre os lugares, que sendo mais do que só imaginados, ganham tenacidade de cores, sons, cheiros, tensões, encantamentos que são desdobrados no movimento entre corpo, imaginação, memória e lugares. Corpo de uma mulher, chilena, palestina, que se abre e se lança na trajetória de narrativa de si e para além de si. Dessa maneira, o presente trabalho intenta se situar no movimento de articulação entre olhar para as geograficidades que permeiam a obra, trazendo também da margem ao centro os horizontes de possíveis diálogos de suas partes com o todo.

**Palavras-chave:** Geograficidades, Geografia e Literatura, Lugar, Mulher.

### **RESUMÉ**

La rencontre entre la géographie et la littérature nous ouvre des possibilités de voir le monde et aussi de le vivre. Dans la littérature faite par Lina Meruane dans "Tornar-se Palestina" (2019), il est possible de voir sa relation avec le lieu, avec ses lieux et aussi entre ces lieux. En marchant le long des lignes de ses géographies, nous avons la rencontre imminente de la géographie qui est faite dans sa littérature, et de la littérature qui est faite avec et à partir de ses géographies. Dans l'œuvre, on voit les traversées entre les lieux qui, étant plus qu'imaginés, acquièrent la ténacité des couleurs, des sons, des odeurs, des tensions, des enchantements qui se déploient dans le mouvement entre le corps, l'imagination, la mémoire et les lieux. Le corps d'une femme, chilienne, palestinienne, qui s'ouvre et se lance dans la trajectoire narrative d'elle-même et au-delà d'elle-même. De cette façon, le présent travail entend se situer dans le mouvement d'articulation entre le regard pour les géographies qui imprègnent le travail, en apportant aussi de la marge au centre les horizons des dialogues possibles de ses parties avec le tout.

**Mots-clés:** Géograficités, Géographie et littérature, Lieu, Femme.

---

<sup>1</sup> Doutoranda e bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia no Instituto de Geociências (IG) da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, [f262924@dac.unicamp.br](mailto:f262924@dac.unicamp.br).



## 1. INTRODUÇÃO

Existem caminhos entre Geografia e Literatura que nos mostram possibilidades e olharmos e refletirmos sobre nossa situação no mundo? Por vezes apagados pelos atalhos da objetividade e do “rigor científico”, as formas de escrever, ler e habitar o mundo a partir da literatura se pareceram distantes da ciência geográfica, quando, em verdade desde sua gênese elas coexistem como formas de conhecimento que desvelam as tessituras existências de narrativas e possibilidades de existir no mundo, nos lugares. Esses lugares, portanto, não são entendidos somente como palco ou “pano de fundo” em que a vida se constitui, mas, sobretudo, como fato indicissociável as nossas experiências, presentificando nossas geograficidades (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2009).

Dessa maneira, ao repensarmos o olhar sobre nossas existências com o lugar, a geograficidade que manifestamos nos propõe a descoberta de sua presença, horizontes, cores, sons, densidades. Fazer o movimento de olhar para esse caminho entre geografia e literatura para pensarmos o mundo, aqui, expõe lugares e sentidos que se opõem ao que é homogêneo e neutro, pois ultrapassa os limites da ciência “de laboratório” e passa a considerar o mundo circundante, as experiências. O espaço geográfico é tocado, imaginado, sentido, ouvido e visto: é aquático, telúrico, material, aéreo, construído. É esse espaço, ou, esses espaços que dão origem a “geografia heroica”: aquela que abarca o ímpeto da descoberta, das jornadas e dos riscos que transcendem a Geografia de laboratório (DARDEL, 2011). Sob essa perspectiva, ela pode ser entendida como inquieta, provocadora e o intuito de desvelar o mundo que é a extensão de nós mesmos, aproximando-se, deslocando-se e encontrando-se com as narrativas que também são literárias.

É mirando esses desdobramentos e possibilidades dos sentidos entre existência e mundo que a autora chilena, Lina Meruane (2019), mergulha na escrita de sua obra, uma crônica autobiográfica, intitulada “Tornar-se Palestina” (“*Volverse Palestina*”), de publicação original em espanhol no ano de 2014. A autora tece uma narrativa de relato sobre si, da busca de um lugar que nunca esteve, mas que ambiciona conhecer, e sente pertencer: a Palestina. Lina, a personagem principal e também autora do livro, foi criada no Chile por pais e avós palestinos, que migraram para o país na promessa de uma vida que lhes garantiria um futuro longe das ameaças das violências que ocorriam, e até hoje ocorrem, contra os palestinos pelo Estado de Israel. A narrativa se desenvolve na construção da busca de entender o emaranhamento em que se constitui a história de Lina, que insiste em não a perder mesmo com as quase inexistentes memórias de seu pai, que parece se esforçar por deixar as chaves das portas do passado esquecidas. A autora, então, parte em busca de um caminho que vê atravessar sua corporeidade,



em seus costumes e comidas árabes de sua infância, na sua língua-mãe, o espanhol, no seu bairro de palestinos no Chile, o Beit Jala, no seu sobrenome árabe que reverbera a história de uma terra que mesmo sem nunca ter visto pessoalmente, imagina, e, imaginando-a, aproxima-se dela, permite olhar e voltar-se a quem se é junto com ela. O caminho e as barreiras imaginárias entre América Latina e Oriente Médio, Oriente e Ocidente, se alinham e se dissolvem, se aproximam, se dilatam e também se deslocam na trajetória de Lina Meruane e sua família.

O verbo “*volverse*” em espanhol significa, ao mesmo tempo, voltar e tornar, explicitando e brincando com a possibilidade de movimento, constituição e transformação. É nesse sentido que esse trabalho busca um movimento paradoxal, ambíguo e não bifurcante entre os lugares, e entre Literatura e Geografia. A mirada principal constitui-se em, a partir da literatura de Lina Meruane, pensar a relação entre os lugares e existências, assim como também as possibilidades de aproximação de histórias e narrativas, que, pelo colonialismo, por vezes se mostraram tão distantes, suscitando e justificando domínio, violência e desconhecimento. A linha principal de tessitura, que tem como resultado o encontro com tantas outras, é pensar a partir e entre a trajetória de Lina Meruane enquanto mulher latino-americana e palestina que traça, pela literatura, suas geograficidades, sua íntima relação com seus lugares.

## **2. METODOLOGIA**

Visando promover o movimento de aproximação entre Geografia e Literatura a partir da leitura da obra de Lina Meruane para adentrar a sua situação entre lugares, a organização metodológica proposta nesse artigo se articula em quatro frentes de desenvolvimento, sendo elas: (1) os estudos das situações e das geograficidades e dos lugares na literatura, pautados em De Paula (2020), Marandola Jr. e Oliveira (2009) e (2) as aproximações e distanciamentos com os estudos decoloniais e pós-coloniais a partir de Said (2007) e Lugones (2008).

Nesse sentido, esse trabalho se pauta em uma abordagem fenomenológica-existencial que intenta proporcionar o entendimento e a construção de um caminho para olhar as particularidades das geograficidades na literatura de Lina Meruane em “Tornar-se Palestina”, sem desatentar para os significados compartilhados que transcendem o recorte aqui colocado. Trata-se do reconhecimento da articulação do todo com a parte e da parte com o todo, e também da ciência com a arte, da Geografia com a Literatura, sem o esgotamento e limitação dessas perspectivas (MARNDOLA JR.; OLIVIERA, 2009).

Fazer um diálogo das narrativas abordadas na literatura de “Tornar-se Palestina” pela via fenomenológica aqui se perfaz como uma tentativa de dar possibilidade de enxergar os



espaços de permeabilidade e potência entre os discursos geográficos e literários. Nessa perspectiva, Lina Meruane nos expõe muitos temas que se apresentam imbricados e entrelaçados em uma trama visceral com a terra – essa de sua infância, mas também a de seus antepassados, que ganha contornos a partir da memória e da imaginação.

É na arte manifestada na obra literária de Meruane, portanto, que observamos a geograficidade de seu mundo interior e o que se revela a partir dele. Pensamos, portanto, em estar entre Literatura e Geografia para pensar também a potencialidade manifestada na sua escrita e vivência entre lugares.

### **3. APORTE TEÓRICO**

Pensar a relação do Eu com os lugares que habitamos é, também, participar de um movimento entre escalas, que se no deslizar de intercâmbios entre si estão sempre em uma relação inalienável, entre o que consideramos macro e micro (MARANDOLA JR., 2012). Dessa forma, nas linhas e entrelinhas das palavras escrita por Lina Meruane, há também a relação e construção social e histórica dos lugares que a atravessam. A literatura, na perspectiva de abordagem desse trabalho, não se descola do mundo, mas, como coloca De Paula (2020), presentificam nossa geograficidade de forma visceral.

Ao desejar voltar-se ao lugar de nascimento de seus pais e avós, a autora e personagem principal da obra aqui tratada, não vai atrás somente de uma terra que expõe heranças distantes, inalcançáveis, todavia, é atrás da construção e do mergulho no que já a constitui é que o desejo de ir visitar a Palestina se faz. É interessante notar como na estruturação da narrativa de si mesma, Lina Meruane acaba por borrar as rígidas fronteiras histórico-sociais que foram traçadas entre Oriente e Ocidente, calcados como opostos e divergentes entre si pelo discurso colonial europeu (SAID, 2007).

Sua vida está entre esses lugares – e diversos outros, como por exemplo, Nova Iorque, cidade dos Estados Unidos em que também morou – de forma não dicotômica, mas emaranhada, numa relação de alteridades que as fundam. A linha entre Ocidente e Oriente é imaginária, nos lembra Said (2007), e se concebe partindo das violências e interesses dos povos europeus. O imaginário do exótico, inalcançável, e inferior, é, inclusive, difundido e legitimado também a partir da cultura, em que se insere a Literatura, agindo juntamente com a lógica política, militar e econômica em prol da Europa (SAID, 2007).

O horizonte em que se é possível ouvir o eco da colonialidade do que ocorre no dito Oriente Médio, onde se situa a Palestina, também é possível de ser visto e percebido na constituição do que chamamos de América Latina, em que o Chile se encontra. Com a



colonização é também construída e almejada uma identidade de alteridade, de Outro, para aqueles que não são europeus.

De diferentes formas, mas, ainda sob as premissas e promessas da Modernidade, a América Latina também é construída para ser violada e enclausurada nos moldes modernos-coloniais de exploração (LUGONES, 2008). É entre e em relação com essas feridas, mas também para além delas, que em “Tornar-se Palestina” podemos ver a relação com e entre esses lugares, em que a autora, a partir de sua geograficidade, ou seja, da sua experiência no mundo, nos desloca a pensar as proximidades, distanciamentos, ambiguidades entre lugares.

No início de sua viagem para a Palestina, antes mesmo de embarcar no avião, a terra natal de seus pais e avós já ganha novos contornos, cores, rostos: Lina Meruane é percebida como palestina por autoridades israelenses, responsáveis por aceitar ou não sua viagem. Esse é o início da caminhada em que podemos ver a circunscrição de sua geograficidade, de sua relação com o mundo em que se direciona e que por vezes almeja estar, e, por outras não, mas que sempre continua em relação.

A corporeidade de Lina Meruane não escapa às linhas de sua trajetória narrada nessa obra, ela é uma mulher, viajando sozinha, nascida no Chile, mas com traços e sobrenome que a identificam agora, em relação a Israel, como palestina. Passando por Jerusalém, e chegando a casa do amigo jornalista que se situa em um território de fronteira entre Palestina e Israel, a autora se percebe e é percebida como Outra, não tão somente pela falta do árabe, língua mais falada entre os palestinos, e que também constitui as geograficidades, mas também pelo seu gênero, por sua forma de se vestir, andar, e estar nos lugares.

É importante lembrar que, quando olhamos também para situação da personagem principal enquanto mulher, não podemos considerar como exclusividade do dito Oriente o enclausuramento e opressão sob as mulheres, tendo em vista que o que foi construído em sua oposição, o Ocidente, também conta com uma construção história e social que não se descola da estruturação da mulher como Outro, como Inessencial em relação ao homem (BEAUVOIR, 2016).

Ao mesmo tempo em que a relação da personagem principal é de estranhamento, de desconhecimento desse lugar, é, também, em mesma força, um movimento de abertura, de reconhecimento de um passado que a constitui no presente, sendo presentificação que se manifesta na sua relação entre ser chilena e ser palestina, entre viver e se constituir no Chile e na Palestina, que antes mesmo que só imaginada, não perdia por isso a robustez de uma ligação pungente com o lugar (DE PAULA, 2020).



#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Olhar somente para o presente passou a não ser suficiente para entender sua própria história, nos conta Lina Meruane. Em um movimento de tornar-se e, ao mesmo tempo, voltar-se à Palestina é preciso mergulhar no passado que atravessa a história de sua família e de outras, articulando-se a individualidade e a coletividade dessa narrativa. Reconstruir e reconhecer essa geograficidade é também se colocar e adentrar os caminhos da ambiguidade. “Não retornar, mas a ideia da viagem surge com esse verbo a tiracolo” (MERUANE, 2019, p.35). Como retornar à um lugar que fisicamente nunca se esteve? Quais são os modos e possibilidades de retorno e de estar em um lugar? As respostas podem ser muitas quando olhamos para as fissuras e tensionamos a concepção de um lugar fixo e concreto (MARANDOLA JR., 2012). As inquietações da narradora e personagem principal do livro nos desafiam à um olhar para uma geografia encarnada, que também se dá na relação com o Outro, quando instituímos nossas alteridades, trazendo à superfície do texto os sentimentos, memórias, e ausências já existentes em sua imaginação, antes mesmo de ser matéria.

O lugar sempre é já um repúdio, amor ou indiferença, um dado, um espanto, um comportamento, um onde valorado, mesmo se não intencionamos valorar: todo lugar é matéria, nenhum lugar, nem um único, é só matéria. Em outras palavras, a carne do lugar é feita de chão, das pessoas que nele vivem, de relevo, pela forma como o vivem, de coisas, naturais ou construídas e de tal ou qual forma distribuídas e pelo que as pessoas pensam nele, dele, pelo que sentem nele, por ele, em relação a ele (DE PAULA, 2017, p. 37).

O caminho da viagem de Lina Meruane nos apresenta justamente essa aproximação e desdobramentos da geografia de sua existência, ou seja, de sua geograficidade que se desvela em sentimentos que vão se constituindo no caminho dessa viagem. Regressar à Palestina, essa que lhe parece a um só tempo tão alheia e tão própria é, antes de tudo, voltar-se a si, porque voltar ao lugar que seus pais e avós nasceram é também pensar no seu corpo enquanto parte desse lugar.

Tenho certeza de que nas horas que passei com os policiais fui mais palestina do que nos meus últimos quarenta anos de existência. A palestinidade que eu só defendia quando me chamavam de turca, às vezes, no Chile, havia adquirido densidade em Heathrow. Era uma cicatriz grossa que agora eu queria alardear. Desnudá-la, ameaçar com ela as agentes que me fizeram baixar as calças, desabotoar a camisa, me virar, desconectar meu aparelho. Entregar a elas a cicatriz ao invés daquele artefato que pegaram com as mãos enluvadas prometendo devolver imediatamente. Colocar a cicatriz junto com as pastilhas de açúcar que também trazia comigo, para emergências. Por que não experimenta uma, eu disse à especialista em explosivos, tem gosto de

laranja. Mas depois pensei que essa marca não era só minha: naquela sala aonde acabavam de me trazer havia outros jovens morenos como eu, o cabelo crespo. Grossas sobranceiras despenteadas sobre os olhos de carvão úmido (MERUANE, 2019, p.61).

São muitos os modos de fazer e de olhar para esse tornar-se ou retornar, como apresentado na ambiguidade do verbo “*volverse*” em espanhol, língua nativa da escritora e personagem da obra. “Falar castelhano agora era outra forma de retorno” (MERUANE, 2019, p.26), diz a autora, quando se refere à língua que seus avós e pais aprenderam ao chegar no Chile, mas que já se relacionava com suas raízes árabes, pois, segundo as tradições contadas, ambas línguas se encontram, em algum momento, juntas na história da gênese desses ancestrais. Palavras árabes, tradições, hábitos, memórias e a própria carne são elementos evocados pela autora para pensar o lugar, para se olhar também para constituição de um entre que sua existência está. Entre lugares, que são experienciados também pela imaginação, se constitui o corpo e a sua relação com os espaços que constituem a vida de Lina Meruane.

Em uma perspectiva fenomenológica não há como não considerar o corpo quando observamos o fenômeno das experiências do ser-no-mundo e ser-com-Outro (CASEY, 2001). Nesse sentido, pensamos o sentido de lugar como extensivo, ou seja, ao mesmo tempo que o lugar é experiência própria e também é experiência com os Outros que nos cercam, fazendo com que atravessamentos ocorram nos lugares, nos corpos-lugares. Não há existência sem lugar, à medida que as experiências – em menor ou maior grau – estão nos atravessando a todo momento. Não há como recusar o convite do mundo enquanto vivemos nele. Ser é estar no mundo e ter nossos lugares atravessados por ele. Os lugares se dão no encontro e os encontros são lugares que ocorrem também no entre, escancarando a infinidade de possibilidades de experiências (DE PAULA, 2017).

Ao chegar na Palestina o sentido de aproximação e deslocamento entre os lugares de sua vida – Chile, Palestina, e também Estados Unidos, onde residia na época em que fez a viagem – não se dissolvem em vista da materialidade que agora ganha a Palestina ganha em sua experiência. Em momentos de sua estadia existem tentativas de negociação de sua identidade: nos “*checkpoints*” do exército israelense é melhor que se apresente documentos que provem seu vínculo com os solos estadunidenses, mas no comércio em menores bairros palestinos e/ou israelenses a estrangeirice é negada por ela mesma, com tentativas se estabelecer enquanto uma nativa.

Ainda sobre sua situacionalidade é importante destacar a circunstância de ser mulher que é vivida pela autora e personagem da obra. Apesar de não abordar ou descrever muitas



situações que explanam sobre o tema de gênero especificamente, é possível observar nas linhas e nas entrelinhas de seu texto que sua situação enquanto mulher demarca limites e especificidades de suas experiências, ratificando o que Beauvoir (2016) nos coloca quando expõe que a situação da mulher no mundo é demarcada por uma estrutura que beneficia e prioriza o homem e o masculino.

O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo latino *vir* o sentido geral do vocábulo *homo*. A mulher aparece como negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade (BEAUVOIR, 2016, p.12).

Um exemplo dessa situação no texto pode ser vista quando o amigo jornalista de Lina Meruane, que já vivia na Palestina há anos, a alerta que ela não poderia ir em uma cafeteria sozinha por ser mulher. Em outra passagem do livro, Meruane também narra a luta da esposa desse mesmo amigo pela luta pelos direitos das mulheres muçumanas daquela terra, nos levando a refletir, dessa maneira, sobre as possibilidades e enfrentamentos da situação das mulheres na Palestina e em Israel, nos bairros em que circulam no período de estadia da personagem principal da trama.

É importante destacar aqui ainda o quanto a descrição de sua vivência na condição de mulher na Palestina não parece tão distante das opressões e violências também enfrentadas no que chamamos de Ocidente. Essa questão merece atenção, pois, pelo viés de uma problemática completamente atravessada pela colonialidade a situação das mulheres no Oriente é mistificada pelo relativismo cultural, pautando suas vivências – principalmente aquelas ao que se refere ao uso de vestimentas e do véu – como distantes, dissidentes e mais violentas do que aquelas que as mulheres ocidentais vivem (ABU-LUGHOD, 2012).

O movimento feminista que surge no âmago das revoluções europeias e se constrói por e voltado para as mulheres brancas europeias é também atravessado pela colonialidade. Os preceitos impostos pela lógica colonial invadem e captam as perspectivas feministas que surgem no bojo ocidental, muitas vezes impondo que haja uma universalização da existência, das opressões, e, principalmente do que deve ser almejado como liberdade para essas mulheres (MOHANTY, 2008).

O feminismo civilizatório, como coloca Vergès (2020), incorpora e submete as mulheres à uma lógica ocidental de construção de identidades, e, sobretudo, também subjuga e determina que aquelas e aqueles que não seguem à lógica ocidental, branca, heterossexual, cristã necessitam de salvação. Assim, esse discurso é legitimado por uma estrutura colonial, como



fora feito anteriormente na “conquista” dos países situados no Oriente, e também na América Latina.

Em uma perspectiva patriarcal-colonialista se pauta, portanto, a necessidade de salvação dessas “mulheres orientais”, que, na verdade, só mascara um imperialismo atual e dominante para com as culturas que extrapolam essa lógica de manutenção da vida (VERGÈS, 2020). Mesmo com poucas palavras, Lina Meruane nos mostra alguns distanciamentos, limites e possibilidades em ser mulher nas terras palestinas – mesmo que ainda como “visitante”. O que reverbera nesse ponto é que a experiência narrada nos permite adentrar a geograficidade de uma mulher que, em certa medida, também esgarça a mistificação do que é ser mulher no Oriente, permitindo e evocando a necessidade de olharmos além de um imaginário comum ocidental deslegitimador dessas mulheres (ABU-LUGHOD, 2012).

Todos essas circunstâncias abordadas na narrativa de Lina Meruane nos lembram que o lugar, ou, os lugares, estão entrelaçados à sua existência, e entendendo a existência como vir-a-ser de possibilidades no mundo é que o entre lugar pode se fazer e se apresenta, desconstruindo e desmitificando as linhas e amarras coloniais, presentes não só nessa narrativa, mas na cartografia e nas geografias cotidianas coletivas (HAESBAERT; PORTO-GONÇALVES, 2006).

Ao mergulhar e reconhecer a possibilidade do entre lugares também assumimos, portanto, um movimento para fora de um pensamento convergente, que visa um objeto único, estático, consolidando um pensamento ocidental de uma sempre divergência entre ser e estar, sentir e pensar, ciência e arte (ANZALDÚA, 2005).

Na esteira da força que o pensamento colonial constitui e constituiu nosso entendimento sobre a separação e história dos lugares, é importante colocar a relevância da memória e da nomeação que a autora traz em sua narrativa: a Palestina, sob uma premissa colonial, passa, ainda hoje, por uma tentativa de apagamento. O apagamento dos bairros, do próprio país, da cultura e da história de colonialidade que o atravessa. Destaca-se, então, a importância do resgate da ação de nomear, de olhar para história dessa terra, que é também uma forma de olhar e viver a história da sua família e a sua própria história.

Chamar essa geografia pelo nome, tirá-la do território imaginário para tomá-la própria, não deixou de ser um assunto litigioso. Durante muito tempo insistiu-se que Judeia e Samaria deveriam ser a única topomínia legal: Palestina designava, diziam os líderes contrários a esse nome, uma província romana identificada apenas em antigos mapas-múndi impressos em papel, enquanto Judeia remetia simbolicamente ao povo eleito e ativava uma memória histórica (MERUANE, 2019, p.126).



“Agarrar-se ao que resta da Palestina para evitar que desapareça” (MERUANE, 2019, p.47) é um movimento de estar e de ir ao país de sua família, mas, antes de tudo, é também já estar lá pelo resgate e invocação da memória, das histórias, da língua, da comida e das tantas outras situacionalidades que atravessam seus pais, avós e a si própria.. Estar entre lugares, numa força de abertura dialética e não excludente, que confunde, embaça, e, por isso, ao mesmo tempo abrange e possibilita suas vivências é o que Lina Meruane vive e nos mostra com suas palavras. Não se trata de uma falta de lugar, de uma negação ou dissolução desses, mas, ao contrário, passamos a ver a nomeação de sua ambiguidade como intrínseca a sua existência.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos entre a Geografia e a Literatura podem nos apresentar possibilidades de (re)pensar dinâmicas espaciais e sua inevitável relação com a existência humana. Nesse texto, que se desdobra como ensaio aproximativo, foi evidente o desvelar de muitos lugares: da memória, materiais, imaginários, violentos, afetivos. Na obra literária escolhida, intitulada como “Tornar-se Palestina”, a autora e personagem principal nos apresenta muitos de seus lugares, que ligados ao seu modo de ser e estar no mundo, revelam sua ligação inalienável com a terra que circunscreve sua história e de sua família, dando vazão ao que chamamos de geograficidades (DARDEL, 2011).

A narrativa e a viagem à Palestina nos contam sobre os lugares que compõem a existência de Lina Meruane, desbravando ao mesmo tempo sua história com o Chile, em que passou a maior parte de sua vida, e também seu processo de reconhecimento com e na Palestina, antes mesmo de visitar materialmente o país de seus pais e avós. Pensar a potência e possibilidade do entre lugar aqui nesse trabalho nos mostra também um caminho de subversão a uma lógica de discurso colonial, que nas cartografias marcadas pela objetividade da Modernidade, separa, delimita e apaga lugares. A história de Lina Meruane, no entanto, nos permite ver o avesso desse movimento, em uma geografia encarnada que dilui fronteiras e nos permite aproximações, mesmo que sem desconsiderar seus distânciamentos. É no abraço à ambiguidade que lhe é permitida a estadia no entre lugares que não se apresenta só como contradição, mas como complementaridade na sua vivência.

Nessa perspectiva, os lugares tomam sentido e se concebem com suas experiências, estando intresecentemente ligados ao seu corpo. Os entre lugares da ciência e da arte se mostram possíveis e necessários para leitura da vida. Os movimentos entre a literatura e a geografia e seus passos nos convidam, desse modo, a observar o horizonte de possibilidades que por tanto



tempo foram – e em alguns espaços ainda são – marginalizados e colocados fora de um debate na Geografia.

## 6. REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres mulçumanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. **Revista: Estudos Feministas**, Florianópolis, v.20, n.256, 2012.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia mestiza/Rumo a uma nova consciência. **Revista: Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 320, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CASEY, Edward. **Between Geography and Philosophy: what does it mean to be in the place-world?** *Annals of the Association of American Geographers*, v.91, p.683-693, 2001.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. Perspectiva: São Paulo, 2011.

DE PAULA, Fernanda Cristina. **Resiliência encarnada do lugar: vivência do desmonte na Linha (Brasil) e em Mourenx (França)**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DE PAULA, Fernanda Cristina. Ferida de Outono: sobre Literatura, corpo e presentificação da geograficidade. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 31, 2020.

HAESBAERT, Rogério.; PORTO-GONÇAVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial**. 1ª ed., São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tábula Rasa**, Bogotá, n. 9, 2008.



MARANDOLA JR., Eduardo.; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na Literatura. **Geografia**, Rio Claro, v.34, n.3, 2009.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MERUANE, Lina. **Tornar-se Palestina**. Trad. Mariana Sanchez, 1ª ed., Belo Horizonte: Relicário, 2019.

MOHANTY, Chandra Talpade. Bajo los ojos de occidente. Academia Feminista y discurso colonial. In Liliana Suárez Navaz y Aída Hernández (editoras): **Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes**, ed. Cátedra, Madrid, 2008.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosaura Eichenberg, 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo, 1ª ed., São Paulo: Ubu Editora, 2020.